

Discurso anti-imigrante e emergência de “nova direita” na crise do contemporâneo político¹

Anti-immigrant discourse and the emergence of a “new right”
in the contemporary political crisis

Jocnilson Ribeiro²
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
jonuefs@gmail.com

Thiago Augusto Carlos Pereira³
PPG Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (IELA/UNILA)
augustopereira.eu@hotmail.com

RESUMO: Este artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida entre 2016 e 2018, tendo como base teórico-metodológica a análise do discurso francesa e em diálogo com as ciências políticas. Aqui apresentamos um dos desdobramentos de uma pesquisa mais ampla intitulada “Discurso, imageria e representação sobre o outro-estrangeiro: um estudo sobre linguagem e interculturalidade”. O objetivo é apresentar uma reflexão a propósito dos discursos da nova direita, do crescente apelo ao nacionalismo e à xenofobia que se apresentam na América Latina e, particularmente no Brasil, a partir de embates políticos e ideológicos. Os dados foram coletados mediante análise de artigos jornalísticos publicados em mídia on-line entre os anos 2013 e 2018 com uso de termos como “xenofobia”, “discurso de ódio”, “rejeição ao estrangeiro” e “imigrantes”. Como resultado, este estudo vem apontar para uma progressiva recorrência do fenômeno da xenofobia sendo objeto de notícia no discurso jornalístico com reflexos internacionais, sugerindo um trabalho investigativo mais profundo para entender as condições de emergências do discurso de ódio e aversão ao estrangeiro nos últimos anos no Brasil.

Palavras-chave: Discurso político; xenofobia; nova direita; imigrantes.

ABSTRACT: The present article is the result of a research developed between 2016 and 2018, having by its theoretical and methodological basis the french tradition of discourse analysis in dialogue with political sciences. We present one of the developments of a broader research named “Discourse, imagery and representation of the outsider: a study of language and interculturality”. The goal is to present a

¹Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada em forma de comunicação oral no *XVIII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*, na cidade de Bogotá, Colômbia, entre os dias 24 e 28 de julho de 2017.

² Doutor em Linguística, professor adjunto do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH/UNILA).

³ Bacharel em Letras - Artes e Mediação Cultural, mestrando em Estudos Latino-Americanos no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Bolsista Capes.

reflection regarding the discourses of the new right, the crescent appeal of nationalism and xenophobia in Latin America, and particularly in Brazil, through political and ideological confrontations. The data was collected through the analysis of journalistic articles published online between the years of 2013 and 2018 wherein terms such as “xenophobia”, “hate-speech”, “foreigner rejection” and “immigrants” were employed. As a result, our research indicates a progressive recurrence of the phenomenon of xenophobia as an object of news reports in journalistic discourses with international reverberations, suggesting a further need for a deeper and more investigative work aimed to understand the conditions of emergence of hate-speech and the aversion to foreigners in Brazil as observed in recent years.

Keywords: Political discourse; xenophobia; new right; immigrants.

Considerações iniciais

“*A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros*”. Eis o título de um artigo publicado por Rodolfo Borges, no site do jornal espanhol *El País*⁴, em português brasileiro, que vem apontar para um fenômeno que, em 2015, emergia cada vez mais forte no Brasil e em outros países da América Latina, como Argentina e Colômbia, seguindo a nova onda mundial de fortalecimento dos discursos de *extrema direita* na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de um fenômeno produzido e posto em circulação por sujeitos cujo ideário conservador vem ganhando espaço exatamente na lacuna criada pelas crises das velhas esquerdas e das esquerdas mais recentes que, de certo modo, tiveram corpo nas lutas em prol da redemocratização de países como Argentina e Brasil, imersos nas ditaduras civis/militares latino-americanas.

Aliado a este cenário de crises contemporâneas, quando não diretamente motivado por discursos conservadores, nota-se o crescimento de uma direita intolerante, ‘extrema’, inclusive no contexto internacional – na Europa e na América do Norte (EUA) –, fortalecendo uma onda ideológica *anti-imigrante* que se instituiu em vários tipos de violência contra o estrangeiro, os negros, os árabes, os africanos, os latino-americanos, os homossexuais, os ciganos, os sírios, os libaneses, os haitianos, os povos indígenas/originários, etc. Nas línguas portuguesa e espanhola, nomeia-se essa onda de violência de ordem ou motivação política como *discursos de ódio* ou *des discours de haine* em francês, mas *hate speech*⁵, no inglês. Desde as campanhas eleitorais nos EUA em 2016 tendo sido eleito Donald Trump à presidência, os *hate speeches* chamavam a atenção de muitos estudiosos em diversos campos como política, publicidade, psicologia, estudos linguísticos, mídias etc.

Tais *discursos de ódio* têm se materializado em diversos espaços de apropriação de múltiplas semiologias, cujas linguagens constituem uma rede de sentidos, atrelados à política e suas posições ideológicas antagônicas, a questões religiosas, ocorrem em redes sociais ou nas ruas, estão muitas vezes associados ao fenômeno das *fake news* (falsas notícias, boatos) e tornam-se temas ou assuntos em artigos de blogs ou notícias jornalísticas. Para nós, eis uma

⁴ BORGES, R. A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livro. In: *El pais*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html>. Acesso em: 10 dez. 2012.

⁵ Cf. DROŽDŽ, M. Hate Speech in Media Discourse. In: *Acta universitatislodziensis: folia litterariapolonica*, v. 5, n.35, 2016, p.19-30. Disponível em: <<https://czasopisma.uni.lodz.pl/polonica/article/view/1403>>. Acesso: 06 maio 2017.

questão complexa que deve ser refletida como objeto de estudos do discurso.

Nesse viés, ora os sentidos aparecem visíveis em jornais impressos e *on-line*, nas redes sociais, em revistas conservadoras, nos livros expostos nas livrarias e bancas de revistas, nas faixas e panfletos levantados em manifestações de ruas, em bandeiras e frases de ordem; diluídos e opacos na superfície da língua – a mais sólida *arena das lutas de classes* (cf. BAKHTIN, 2004) – e, ao mesmo tempo, constituindo lutas simbólicas através das quais os sujeitos políticos e os atores sociais da política se assumem e se posicionam ideologicamente.

O objetivo deste artigo é, então, apresentar uma reflexão a propósito dos discursos das novas direitas, do crescente apelo ao nacionalismo e à xenofobia que se apresentam na América Latina a partir de embates políticos e ideológicos, baseada nos aportes dos estudos políticos e discursivos, de maneira mais ampla, e da *Análise de discurso*, de modo particular, em diálogo com as concepções de discurso e história cunhadas por M. Pêcheux e M. Foucault resguardando, portanto, suas aproximações e distanciamentos.

Embora nossa reflexão aqui faça referências a contextos internacionais, vamos nos centrar no contexto brasileiro, particularmente em exemplos materiais de violência dirigida ao imigrante no Brasil, e que tiveram uma maior presença nas redes sociais e dispositivos da mídia no contexto das eleições federais de 2018. Pretendemos analisar o modo como o sintagma “nova direita” emerge no contexto político contemporâneo brasileiro, de modo mais amplo, e no contexto de políticas de “imigração”, de modo particular, quando o fenômeno *anti-imigração* ecoa na Internet e fora dela, e compreender a natureza de sua emergência (onde e como circulam). Além disso, refletimos sobre o modo como os *discursos do ódio*⁶ e atitudes agressivas acompanham outros discursos, a exemplo do nacionalismo e da xenofobia como fenômenos que anulam a alteridade e a própria identidade de sujeitos de toda uma sociedade (multifacetada e heterogênea) em maior ou menor grau.

⁶ A respeito do fenômeno “discurso de ódio” e “agressividade” no discurso político, numa perspectiva discursiva, sugere-se a leitura dos trabalhos de Vanice Sargentini e Giovana Chiari. Disponível em: <http://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/discurso-raivoso-rede-de-intolerancia-983653.html>; <http://www.bonde.com.br/bondenews/politica/discursos-de-odio-silenciam-o-mito-da-cordialidade-410036.html>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Análise do discurso e sua relação com o *político*

Este estudo teve como embasamento teórico-metodológico os pressupostos da Análise do discurso que tem por base, como dissemos, algumas reflexões oriundas dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. O enfoque teórico-metodológico deste campo de conhecimento desenvolveu-se primordialmente na França entre fins de 1950 e decorrer de 1960, período em que aquele país enfrentava uma efervescência na esfera política, acadêmica e epistemológica. Conheciam-se, ali, problemas políticos e sociais oriundos de diferentes conjunturas (MALDIDIER, 1991): (i) uma crise motivada pela Guerra Franco-Argelina (1954-1962)⁷; (ii) as lutas estudantis de *Mai de 1968* que puseram em questão o papel das instituições frente aos problemas sociais franceses; (iii) uma crise das contradições da ideologia comunista, na esfera política; mas também (iv) as releituras e as críticas ao estruturalismo científico, na esfera acadêmica, que pouco respondia às contradições da sociedade na esfera da *práxis*. Acrescido a esse contexto político e epistemológico, vale também destacar, a partir do contexto latino-americano, um outro fenômeno histórico marcado pelo acirramento das ditaduras, sobretudo depois da década de 1960, deslegitimando a recém-instituída noção política de “democracia” e “sufrágio universal” para a escolha das representações políticas no continente americano e no cone sul.

A Análise do Discurso, cabe dizer, é uma disciplina fundada por Michel Pêcheux e Jean Dubois – pelo menos ao que se define por “*école française d’analyse de discours*” (TÉTU, 2002) –, cujo nascedouro teve um viés político-epistemológico, quando seus pensadores, segundo Maldidier (1991), mantinham próximos a militância, a luta política e o trabalho epistemológico.

Em seu livro *Análise automática do discurso* (AAD69) ([1969]1993), Pêcheux pretende uma metodologia através da qual fosse possível fazer uma análise automática e computadorizada de textos escritos majoritariamente políticos, procurando evidenciar “o ideológico” dos textos. Michel Pêcheux era, portanto, um filósofo muito envolvido com as questões em torno da

⁷ Maldidier (1971) fez um estudo muito cuidadoso sobre o tema Guerra da Argélia e suas implicações em torno do discurso político, procurando entender “a existência de correlações entre comportamentos não verbais e comportamentos verbais, mais precisamente entre comportamentos sociopolíticos e comportamentos linguísticos” (MALDIDIER, 2010, p.143). A linguista vai abordar esta questão no artigo *Le discours politique de la guerre d’Algérie: approche synchronique et diachronique*, publicado em 1971, fruto de sua tese doutoral sobre o tema, na qual apresenta as implicações do ponto de vista das estruturas linguísticas e das estruturas sociais, analisando a hipótese sobre a construção vocabular “de esquerda” e “de direita” no discurso do locutor conforme os grupos sociais aos quais pertence e as diferenças de posição ideológica que assume.

epistemologia, da psicanálise e do marxismo, daí o fato de que a própria Análise do discurso teve como tripé fundador a linguística saussuriana, a psicanálise lacaniana e o materialismo histórico. A Linguística naquela época, em seu franco desenvolvimento (MUSSALIM, 2001), por via de uma leitura estruturalista, assumia ao menos como rubrica o lugar de “ciência piloto”, de onde nasce o projeto de Análise do discurso, voltado principalmente à análise de grandes *corpora* discursivos da/sobre a política, por onde emerge, de certa maneira, uma certa “*science de l'idéologie*”, posto que a AD se tornaria ao longo de sua constituição, enquanto campo teórico, ao mesmo tempo, uma teoria do ideológico em geral e uma teoria das ideologias particulares definindo as relações de classe (TÉTU, 2002).

A perspectiva estruturalista de análise defendia uma autonomia relativa da língua passiva de estudo mediante suas regularidades para se compreender, dentro do sistema da língua, a sua totalidade, “já que as influências externas geradoras de irregularidades, não afetam o sistema por não serem consideradas como parte da estrutura” (MUSSALIM, 2001, p. 114) Este era um dos argumentos das teses estruturalistas que os analistas do discurso, desde o início de seu projeto, combateram, uma vez que questionavam aos defensores das “estruturas” inabaláveis o papel do sujeito, da história e de outros elementos extralinguísticos (*exterioridade do sistema*) na constituição dos textos, dos discursos e dos sentidos.

Evidentemente, entre os anos de 1969 e 1983, o campo teórico da Análise do discurso passa por construções, “tateamentos” e desconstruções (MALDIDIER, 1991), pondo em xeque, na releitura de seu próprio fundador, o projeto de uma “maquinaria discursiva” que não responde, com satisfação, às suas inquietações, mas que abre espaço para novas indagações, afinal a língua [do discurso político] não é transparente nem pode ser higienizada de uma carga ideológica partidária, posto que a própria língua é, por sua natureza histórica e social, a materialidade das ideologias. O projeto da Análise do discurso se inscreve em um problema de ordem política, e a Linguística, como defende Mussalim (2001, p.114), “oferece meios para abordar a política”.

Feita esta breve contextualização histórica da fundação do campo teórico, gostaríamos de destacar que entre a fase de construção e de desconstrução, como afirma Maldidier (1991), a noção de *formação discursiva* (FD) desenvolvida por Michel Foucault em *Arqueologia do saber* (1969) – resguardadas as suas diferenças com aquela noção também refletida por Michel Pêcheux – parece ter dado um novo rumo ao campo teórico AD. Numa nota de rodapé do texto *Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux*, Paul Henry

esclarece:

Existem muitos pontos de contato entre aquilo que Michel Foucault elaborou no que se refere ao discurso e aquilo que fez Michel Pêcheux, pelo menos no nível teórico (por exemplo, encontra-se em Foucault uma noção de “formação discursiva” que tem alguns pontos em comum com aquela de Pêcheux), e em particular no nível prático (Foucault nunca tentou elaborar um dispositivo operacional de análise do discurso)... Pêcheux partilhava com Foucault um interesse comum pela história das ciências e das idéias que pode explicar por que ambos, mais do que qualquer outro autor, focalizaram o discurso (HENRY, 1993, p. 38).

Mas é preciso que se revise as próprias palavras de Foucault, em *A arqueologia do saber*, onde o filósofo francês também considera que:

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, [1969] 2008, p. 159)

Ao dirigir-se ao discurso “*em seu volume próprio*”, Foucault propõe que o analista considere o discurso no interior de formações discursivas posto que o discurso obedece a regras de formação, de emergência e de existência. Nesse sentido, ele então trará a seguinte definição: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 135-136).

Voltando a M. Pêcheux, enquanto a maquinaria discursiva (no limiar da AAD-69) procurava analisar “o ideológico” como se os discursos fossem homogêneos, a noção de formação discursiva punha em xeque tal mito de homogeneidade, posto que os discursos não são nada “estabilizados”, tendo em vista que eles são constituídos a partir de condições heterogêneas de produção dos discursos. Nesse sentido é preciso pensar na relação de uma formação discursiva (FD1) com outra (FD2), compreender suas diferenças, suas regularidades e a singularidade que a define enquanto tal (identidade de um discurso). É preciso também considerar que o sujeito da enunciação o enuncia sob uma ordem do dizível e do interpretável,

no interior de FDs, a partir de uma dada posição sujeito. Mas o que define um discurso e quais são suas características internas que nos permitem reconhecê-lo como distinto de outro? Por que dizemos que um discurso carrega uma ideologia de direita ou de esquerda, conservadora ou progressista, nacionalista ou integracionista, *anti-imigratória* ou inclusiva?

Courtine (2007), por sua vez, desenvolve uma discussão aprofundada a propósito da noção de formação discursiva no projeto de Michel Pêcheux e sua interlocução com o conceito de FD em Michel Foucault ([1969] 2008), levando-nos a pensar sua relação com outros discursos, na dimensão do interdiscurso, dito antes, em outro lugar, mas reatualizado na ordem do dizível enquanto acontecimento. Dito de outro modo, era preciso então repensar o papel da memória na dimensão do pré-construído e seu funcionamento no interior de formações discursivas. Na perspectiva pecheutiana, tal noção tem por base a reflexão em torno dos *Aparelhos Ideológicos de Estado*, cujas práticas são determinadas pelas relações de lugares que ocupam os sujeitos nos modos de produção econômica e, por sua vez, pelas relações de classe e determinadas por relações imaginárias do mundo real, como teoriza Althusser (1987). Nesse sentido, como traz Courtine autores como Haroche, Fuchs e Pêcheux (2007, p. 121):

Trata-se “posições políticas e ideológicas que não dependem de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre elas relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento suscetível de intervir como força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui desta maneira um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais mas se referem mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (HAROCHE et al., 1971, *apud* COURTINE, 2007, p. 121; *tradução nossa*).

[...]As formações ideológicas “compreendem necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada; dito de outra maneira, em certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrito em uma relação de classes (FUCHS; PÊCHEUX, 1975 *apud* COURTINE, 2007, p. 121; *tradução nossa*).

Diante destas duas noções, a de *formação ideológica* na qual se pode sempre inscrever uma ou mais de uma formação discursiva, percebe-se que, nas bases da teoria do discurso, encontram-se o político e o ideológico diretamente relacionados, uma vez que todo posicionamento político implica uma dada posição ideológica em relações de classes. E isso

depende das condições de produção específicas a cada discurso e o modo de sua constituição e circulação em distintos meios e gêneros discursivos em que tais discursos se materializam, isto é, nos textos jornalísticos de teor político, em panfletos e cartazes nas manifestações de rua, nas redes sociais, em charges e *memes*, ou seja, em diferentes sistemas semióticos (verbais, verbo-visuais, sonoros, imagéticos etc.).

Posto isso, passamos a uma reflexão sobre o modo como a rubrica “nova direita” passa a emergir na contemporaneidade atrelada a outros conceitos e representações imaginárias e formações discursivas.

Sobre uma suposta “nova direita” no Brasil

Ainda antes do *impeachment* de Dilma Rousseff, o pesquisador Adriano Cotado, em entrevista⁸ para a rede *Pública — Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo* (Rio de Janeiro, maio de 2016), considerou como fio condutor de tais demonstrações populares ser a “anticorrupção”, elemento comum entre os plurais elementos de suas plurais configurações, e que, segundo ele, englobaria “muito mais que o anticomunismo ou esses inimigos mais elaborados”. Cotado, em sua análise, considerava um significativo fenômeno contemporâneo, que se convencionou denominar “movimentos de nova direita”, sobretudo nos *matches* e *after-matches* da tomada das ruas brasileiras, no escopo das *manifestações de junho 2013*⁹, por grupos de diferentes representações sociais e políticas (partidárias e apartidárias) que, mais tarde, se bifurcaram em movimentos de conservadores *pró-impeachment* e progressistas *anti-impeachment*. Desse modo, refletindo as demonstrações populares no país no contexto citado, cabe dizer que “as pessoas não assumem doutrinas e vão para rua defender uma doutrina”, mas que a ocupam “porque têm uma compreensão – fragmentada, pouco organizada – do que está acontecendo e ficam indignadas” (COTADO, 2016). Essa indignação, a nosso ver, é refletida em

⁸ Disponível em: <<http://apublica.org/2016/05/quem-e-a-nova-direita/?format=pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

⁹ Conhecidas como “Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho”, os protestos no Brasil em junho de 2013 correspondem a diversas manifestações populares que inicialmente surgiram para fazer frente aos aumentos exorbitantes de tarifas de transportes públicos nas principais capitais brasileiras, bem como manifestar-se contra os recorrentes casos impunes de corrupção que se alastravam pelo país. As manifestações ocorreram em 438 cidades levando cerca de 2 milhões de manifestantes às ruas. Fonte: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-21/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

um dos grandes traços identitários desse recente fenômeno político: a “ruptura das pessoas com o mundo da política”, numa postura de descrença generalizada para com a classe política, descortinando um fenômeno que, segundo Cotado (2016), “acontece em todas as democracias” do mundo, e não se resume às figuras presidenciais ou aos partidos políticos.

Sondagens sobre como funciona o sistema político nos Estados Unidos mostram que 10% das pessoas estão satisfeitas. Sondagens na França mostram que menos de 20% das pessoas acreditam em políticos. No Brasil, 5% das pessoas acreditam em partidos políticos. Hoje os parlamentares gostam de dizer que a Dilma [Rousseff] tem 10% de popularidade, mas a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas em 2015 mostrou que a popularidade, a legitimidade do Congresso Nacional, é de 15%. Então, eles não estão assim muito bem, né? (PÚBLICA, 2016)

As contribuições de Cotado (2016) evidenciam a presença de um processo discursivo fluido, por vezes reduzido à simplicidade das inscrições visíveis (postagens, faixas, panfletos e cartazes), mas que se fazem inscritas em uma formação discursiva maior, da qual se posicionam seus participantes, com atitudes partidárias e religiosas, em que, diga-se de passagem, palavras de ordem e slogans trazem opacos, em sua aparente simplicidade, o sujeito político e seu representante (seja no campo da religião e/ou da política) e do sujeito divino (Deus/Jesus) mesclados no mesmo. Tal aglutinado ideológico faz-se evidente na ascensão de uma classe religiosa protestante, neopentecostal¹⁰, oriunda de correntes do cristianismo renovador na América Latina, que, aos poucos, ascende ao poder político, junto a outros agentes históricos de matriz ideológica similar, fortalecendo o discurso pró-militarismo, o discurso nacionalista etc., validando e ressignificando, a seu modo, concepções de mundo que lhe embasam e patrocinam. Por essa razão, como ressalta Cotado, “nem sabemos ainda se essa é uma direita nova, se ela apareceu ou se ela cresceu. A gente não sabe isso. Se ela *estava no armário* e de repente ela saiu. Ou se foi o antipetismo que a inventou” (s.p.).

Sobre este tema, o filósofo e cientista político francês, Pierre-André Taguieff, em uma entrevista intitulada *Origines et métamorphoses de la nouvelle droite*, propõe responder à questão

¹⁰ Embora a questão religiosa não tenha sido objeto de nossos estudos, tampouco tenha se apresentado como um problema tangente a nosso objeto, no período compreendido entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2018, vale ressaltar que observamos com muita frequência a maneira como o discurso religioso e pró-militarista do estado e de instituições educacionais como a escola se colocava na esfera política. Mas, na mesma esteira, os discursos de ódio justificados por um antipetismo, associado à ideologia comunista e à suposta “invenção” da corrupção brasileira, cresciam no decorrer do ano 2018, principalmente com o avanço das campanhas eleitorais que levou o então candidato Jair Bolsonaro a vencer o pleito em outubro daquele ano.

“O que significa exatamente *Nouvelle Droite*?” da seguinte maneira:

Um leitor ingênuo, ao abrir um “Dicionário do pensamento político” de referência, o *Blackwellen* versão francesa, compreende que se designa por “Nova Direita” um grupo de intelectuais que, por volta de 1970-1980, criticam e recusam tanto a social democracia da Europa Ocidental quanto o Comunismo. Estes intelectuais estão na evidência dos neoconservadores economicamente liberais e culturalmente reacionários, defensores de uma “ordem moral” de base religiosa. Porém, esta definição, construída por referência à cultura política anglo-saxã, não pode ser aplicada à “Nova Direita” francesa. O rótulo é tão vago quanto enganoso. Na França, a expressão foi utilizada tanto, na linguagem midiática, a partir de 1978, para designar o GRECE - *Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne* [Grupo de Pesquisa e Estudos para a civilização europeia], e por extensão para referir-se, desde 1979, ao conjunto formado pelo GRECE e *Club de l'Horloge*. Poderíamos então situar a produção intelectual destes dois “clubes (ou sociedades) de pensamento” na intersecção dos direitos parlamentares UDF/RPR e dos movimentos situados na extrema direita. A Nova Direita poderia ser interpretada como a figura de um neoconservadorismo à francesa (TAGUIEFF, 1993, p. 3; tradução nossa).

Nota-se que as expressões “direita”, “extrema direita”, “nova direita” carregam uma memória a partir da qual o modo como se as lê e se as emprega depende de sua relação com seu próprio contexto político ao longo de sua história. Acusar um dado partido como sendo de *extrema direita* no Brasil não produz o mesmo efeito para aquele que tem a experiência da memória de um partido de *extrema direita* na Itália, por exemplo, onde se reflete sobre a memória dos discursos fascistas, que ainda hoje emergem em novos acontecimentos discursivos e, por sua vez, acontecimentos de linguagem que os materializam.

Nos dizeres de Taguieff (1993), a nova direita, naquele contexto francês, recupera uma memória de oposição à ideologia comunista. Hoje essa associação nos discursos político e midiático parece não ser de todo evidente, posto que se evidenciam enunciados de uma nova ordem, ainda que a ordem moral de base religiosa, como destacou o filósofo, esteja na iminência dessa associação como um dos efeitos de sentido, de certo modo, tão eficiente como aqueles de outrora.

O termo *nova direita* também foi utilizado, na esfera política, no contexto norte-americano no processo que elegeu Ronald Reagan em 1981, e também significa a mesma coisa em cada nação que se vale do termo, pois a memória deste enunciado é atualizada em novos acontecimentos e lugares. Não pela abrangência em si de seu conceito, mas pelo dinamismo intrínseco ao universo dos “discursos políticos” que carrega uma memória distinta a cada nação,

em sua correspondente história política. É, pois, nesse sentido que o linguista e sociólogo argentino Mariano Dagatti afirma:

Todo discurso constitui um ato dirigido a modificar uma situação [...] e envolve uma interação ou dialogismo constitutivos, que, por um lado, supõem a presença de outra instância de enunciação à qual se dirige o locutor e, por outro, a existência de uma dimensão interdiscursiva que 'assujeita' o locutor e o atravessa" (DAGATTI, 2012, p. 61; *tradução nossa*).

Para visualizarmos melhor o modo como este lexema ressurgiu no contexto político, observamos a seguir duas imagens onde as expressões “nova direita” e “nova esquerda” aparecem na mídia.

Imagem 1 - L’Humanité dimanche (2014)



Imagem 2 - Época (2015)



Às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais no Brasil, em 2014, o jornal francês de esquerda *L’Humanité dimanche* definiu em manchete a candidata Marina Silva como pertencente a uma “*nouvelle droite*”, enquanto a revista brasileira *Época*¹¹, com inclinação à *direita*, publicou em 2015, após as eleições, um artigo com duas imagens nas quais são representados dois jovens, um deles filiado ao discurso da “nova esquerda” e a outra ao da “nova direita”, como se vê na figura acima, na posição enunciativa da revista.

A invenção da *nova direita* já foi investigada e teorizada por muitos pesquisadores e cientistas políticos. Para ficarmos com as publicações em língua hispânica, conhecem-se os trabalhos de Alain de Benoist, Carlos Pinedo e Guillaume Faye na Europa, nos anos 1980, com

¹¹ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/08/esta-na-hora-de-dialogar.html>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Las ideas de la “Nueva derecha” (1986), bem como o argentino Sergio Morresi, no início deste século, que publicou em 2008 *La nueva derecha argentina: la democracia sin política*. Morresi (2008), logo na introdução define:

Esta “nova direita” apresenta diferenças com outras direitas que atingiram nosso país [Argentina]. Antes de tudo, trata-se de uma força que, de modo paulatino, foi rompendo os laços (cada vez mais frágeis) que a uniam às tradições nacionalista se mais rançosamente conservadoras, o que permitiu adotar – e refinar – um ideário coerente e sistemático, conhecido popularmente como neoliberalismo. No entanto, os traços que distinguem esta nova direita (ou direita neoliberal) não devem nos ocultar que **suas origens estão na velha direita**, com a que dividiu ideias, homens, planos e governos em mais de uma ocasião (MORRESI, 2008, p. 9, tradução e grifos nossos).

Mais recentemente, após as crises iniciais do cenário político brasileiro contemporâneo, que se acirraram após a reeleição (2014) da então presidenta Dilma Rousseff, alguns trabalhos acadêmicos procuram analisar a emergência deste sintagma “nova direita” (TELLES, 2015a, 2015b; PEREIRA, 2015) ou “extrema direita” (LOWY, 2015), publicados originalmente em francês, com tradução¹² em português. Analisando o fenômeno da “nova direita” no Brasil e o *antipetismo* (negar o Partido dos Trabalhadores - PT) no centro de uma visão *anti-partidária* (negar os partidos de modo geral), Telles (2015a) afirma haver, de um lado, o papel do *noticiário* “gerado para ser consumido” (p. 38), dado que “existe um mercado à procura de um porta-voz que expresse sua ideologia de direita, traduzida, hoje, no antipetismo” (*idem*), e, por outro lado, “o papel das redes sociais e dos outsiders na organização dos protestos” (*idem*). A professora Helcimara Telles, da UFMG, afirma que “A direita encontrou nas mídias sociais um espaço para expandir sua clientela. Renovou suas estratégias, que migraram para os espaços *on-line*, e disseminou intensamente o tema da corrupção como escândalo político midiático concentrado sobre o PT e seus políticos” (TELLES, 2015b, p. 3).

Por outro lado, Michel Löwy, comparando o fenômeno *extrema-direita europeia* com o caso brasileiro, tece as seguintes considerações:

A atual extrema-direita europeia é muito diversa, uma variedade que vai de partidos abertamente neonazistas, como o Aurora Dourada na Grécia, a forças burguesas perfeitamente bem integradas ao jogo político institucional, como o suíço UDC. O que eles têm em comum é o seu nacionalismo chauvinista – e, portanto, oposição à

¹² Tradução de Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

globalização “cosmopolita” e a qualquer forma de unidade europeia –, xenofobia, racismo, ódio a imigrantes e ciganos (o povo mais antigo do continente), islamofobia e anticomunismo (LÖWY, 2015, p. 653-654).

E mais adiante, ao tratar do conservadorismo e da extrema-direita no Brasil, ele vai dizer:

Não existem no Brasil, como no Europa, partidos de massa tendo o racismo como sua principal bandeira. Claro, o Brasil está longe de ser uma democracia racial, e um racismo difuso está bastante presente na sociedade. Porém, um partido brasileiro que tentasse fazer do racismo seu programa principal nunca teria 25% dos votos como na França... (p. 662).

Evidentemente, há de se ressaltar que há sempre um risco nas comparações, pois em se tratando dos discursos desta ordem e do modo como se materializam na esfera midiática ou nas manifestações de rua, as especificidades históricas de cada cultura ou país reatualizam enunciados no fio do discurso no retorno às memórias, em discrepâncias e particularidades respectivas. Assim, a definição de uma suposta “nova direita”, no Brasil ou na Argentina, por exemplo, carrega uma memória das ditaduras (SÁ 2015)¹³, vale mencionar, quando dizimaram milhares de sujeitos militantes defensores da democracia política, negligenciando, na ‘melhor das hipóteses’, as liberdades individuais e coletivas na esfera política nacional, ou mesmo violando direitos humanos, violentando, torturando homens e mulheres, acabando por promover inúmeros crimes perpetuados e patrocinados pelo Estado, e que, até hoje, seguem vivos em insuperáveis traumas.

Nessa perspectiva, conforme nos lembra Dagatti (2012; 2017a), há uma dimensão interdiscursiva inerente à apropriação e à nomeação em determinadas formações discursivas (direita, esquerda, nacionalista, integracionista etc.). Nem sempre as arestas são fáceis de identificação, posto que o próprio dialogismo constitutivo do discurso torna porosos e opacos esses limites. Assumir o termo “*nova direita*” e sua ação “*sair do armário*”, como vimos anteriormente, é, de certo modo, enfrentar o desafio de mostrar sua diferença com a “antiga” *direita* que, pela lógica em questão, permanecia “escondida” no limbo da história. Contudo, se estava escondida tal *direita* não era tão nova assim. Entendemos, portanto, que este

¹³ O linguista e pesquisador brasileiro Israel de Sá defendeu tese a propósito da memória discursiva das ditaduras na América Latina, cujo enfoque é a ditadura no Brasil. Um de seus objetivos foi compreender “o papel da memória na contemporaneidade, cuja mídia articula práticas discursivas inscritas em um jogo intersemiótico, que relaciona o verbal e o não verbal e, como consequência, o efeito discurso na produção de memórias calcadas em diferentes linguagens” (SÁ, 2015).

questionamento põe em evidência o *papel da memória* (PÊCHEUX, 1999) na configuração e circulação dos discursos, no interior dos acontecimentos históricos e discursivos que nos permitem pensar no *novo*. Mas o *novo*, segundo Foucault (1996), pode não ser tão novo assim: “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (p.26).

Análise e problematização do fenômeno xenofobia e ódio a imigrantes

Antes de passarmos à apresentação das formas de recorrência do termo xenofobia na mídia on-line nos últimos anos, é preciso se perguntar: o que entendemos por xenofobia? O termo parece ser autoexplicativo o suficiente, mas, sob um olhar mais atento, não logra dar conta, etimologicamente falando, de sua circunspecta definição pois depende, impreterivelmente, de uma série de outros sentidos e formas de configuração que, por sua vez, dependem do lugar e do tempo histórico em que, por ventura, se manifeste. Dito de outro modo, queremos afirmar que o modo como a xenofobia se manifesta no Brasil é diferente daquele como ocorre na França, por exemplo, ainda que haja de algum modo semelhanças no interior destas especificidades. A manifestação deste fenômeno no Brasil tem uma base etnológico-racial e, muitas vezes, religiosa, e se estrutura em torno das dicotomias branco e não branco, cristão e não cristão (muçulmano, etc.), o que é dizer que, ainda que se revele ante a figura de um estrangeiro, a aversão ao estrangeiro negro não está no mesmo nível da aversão ao estrangeiro branco de procedência europeia; na França, por contraste possível, é comum ecoar nos discursos da extrema direita um enunciado xenofóbico dirigido a argelinos brancos. Os critérios não se estabelecem de modo idêntico em contextos distintos.

Numa perspectiva histórica, a noção de *xenofobia* pode assumir distintas facetas ao longo de nossa história, tendo sempre sujeitos representados por um “outro” (os não pertencidos), um “eu” (dos pertencidos), um lugar (dentro e fora num espaço e num território X), um evento, uma prática ou atitude de rejeição e uma gama de valores simbólicos a partir dos quais estes personagens (sujeitos agente e/ou paciente) assumem consciente ou inconscientemente um lugar na cena de uma narrativa discriminatória, xenofóbica, portanto, quando assim se configura.

Segundo o historiador brasileiro Durval Albuquerque Júnior, na introdução do seu livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*, publicado em 2016:

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras *xénos* [ζένοϛ] (estranho, estrangeiro) e *phobos* [φόβοϛ] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito e relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade (ALBUQUERQUE JR., 2016, p. 9).

Para efeito de exemplificação acerca dos enunciados que têm emergido nos últimos anos e ganhado espaço nas redes sociais e páginas de jornais (em suporte *on-line* ou impresso) – no contexto brasileiro e em outros países latino-americanos –, inserimos os resultados de uma consulta (em sites de buscas, bem como em sites de alguns jornais) a partir de termos e expressões como *xenofobia*, *discurso de ódio* e *imigração*, em um recorte temporal determinado, entre os anos de 2014 e 2018, em língua portuguesa e em língua espanhola. O intento inicial deste exercício foi investigar a procedência do sujeito receptor dos discursos de ódio, racismo ou xenofobia no Brasil, e percebemos, através dele, que os haitianos se destacavam, no contexto histórico em que executamos a atividade, como um dos sujeitos que mais sofrem as agressões verbais e/ou físicas no país, seguidos pelos sujeitos indígenas – dado que, pelos critérios inerentes às pretensões iniciais da investigação, mais centradas no discurso, se obtiveram por um viés (metodológico) qualitativo e não, necessariamente, quantitativo (numérico-computacional).

Conforme alguns dos exemplos de títulos de notícias selecionadas (Quadro 1), no interior dos artigos que carregam estes títulos, deparou-se com enunciados de teor xenofóbico, racista e *anti-imigratório*, assemelhando-se àqueles produzidos por indivíduos extremistas com seus vieses políticos nacionalistas já conhecidos em países europeus, como já destacou Löwy (2015), ou mesmo norte-americano, quando direcionados a povos/indivíduos judeus, muçulmanos, sírios e outros agentes oriundos de zonas de conflitos, guerras ou desastres naturais, como é aqui o caso do Haiti. Em casos em que se noticiaram violências contra haitianos ou cubanos, por exemplo, são recorrentes argumentos com formulações do tipo: a) haitianos vêm tomar nossos empregos; b) cubanos vêm implantar uma ditadura comunista no Brasil; c) haitianos não são inteligentes/ “são burros”; etc.

Quadro 1 - Títulos de notícias jornalísticas on-line e blogs

DATA	TÍTULOS DE NOTÍCIAS	MEIO ON-LINE
13/05/2014	<i>Imigrantes haitianos sofrem racismo e xenofobia no Brasil</i>	Terra.com.br
10/12/2014	<i>Xenofobia se converte em agressões contra imigrantes haitianos</i>	Gazeta do Povo
26/08/2015	<i>Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz Pesquisador</i>	BBC Brasil
16/05/2016	<i>Haitiano é agredido com garrafada em Foz do Iguaçu, e Dilma se solidariza</i>	Uol.com
17/05/2016	<i>UNILA se pronuncia sobre agressão contra estudante estrangeiro. Universidade divulgou nota de repúdio nesta segunda-feira, 16</i>	Click Foz do Iguaçu
20/06/2016	<i>Chegada de refugiados faz xenofobia crescer mais de 600% no Brasil, mas nem 1% dos casos chega à Justiça</i>	Huffpost.com
04/12/2016	<i>En Uruguay advierten sobre la creciente xenofobia en Argentina</i>	Inforbae.com
22/01/2017	<i>Motorista que acusou Casa dos Frios de racismo grava vídeo sobre caso</i>	Uol.com
07/02/2017	<i>Há um aumento sistemático de discurso de ódio na rede”, diz diretor do SaferNet</i>	Época
25/02/2017	<i>¿Xenofobia? Colombia y Venezuela atizan las fricciones por la inmigración</i>	RT.com
01/04/2017	<i>UFRR divulga nota de repúdio a agressão contra aluna indígena</i>	Correio Braziliense
18/10/2018	<i>Por que existe xenofobia no Brasil?</i>	Politize
07/03/2018	<i>Romero acusa imprensa brasileira de xenofobia</i>	Globoplay
10/03/2018	<i>A crônica do futebol que encara racismo e xenofobia como piada</i>	El Pais
27/08/2018	<i>O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil</i>	El Pais

Fonte: Ribeiro e Pereira (2018).

Do levantamento das manchetes de notícias publicados em 13 fontes, como se vê no Quadro 1, onde analisamos o fenômeno “anti-imigração”, percebemos que os grupos de sujeitos-alvo são, portanto, constituídos por haitianos, indígenas, colombianos, paraguaios, peruanos. O discurso *anti-imigratório* na esfera política – através de programas de governos e medidas autoritárias e excludentes – ou na esfera em que circulam manifestações de expressões livre na internet ou cartazes e panfletos nas ruas produz diversos tipos de violências, em que seu extremo fere direitos humanos quando atinge o corpo de indivíduos ou à sua identidade no nível psíquico. No caso de ataques a haitianos, de modo recorrente nos últimos anos no Brasil, observam-se atos de violência física relacionada a posições ideológicas de sujeitos contrários às políticas implementadas pelos governos Lula e Dilma Rousseff. Mas não apenas. O ano de 2018 vem apresentar um aumento ainda maior na medida em que se polarizam as posições político-partidárias dada a aproximação das campanhas políticas nacionais. Na notícia cuja manchete é “*Haitiano é agredido com garrafada em Foz do Iguaçu, e Dilma se solidariza*”, descreve-se o

fato ocorrido por motivação ideológica quando se vinculou a presença de haitianos na cidade de Foz do Iguaçu à questão partidária. Assim, as políticas de integração e educacional dos governos Lula e Dilma promoveram a chegada de estrangeiros latino-americanos e caribenhos vindo à cidade estudar na Universidade Federal da Integração Latino-Americana a partir de 2012 quando a Unila passou a funcionar; e isso provoca reação adversária a tal projeto, acarretando-se em agressão ao estrangeiro.

A título comparativo, resguardadas as diferenças históricas e políticas, reflitamos a questão da imigração na Argentina após eleições de Maurício Macri. No contexto argentino atual, sua *guinada à direita* deu-se, já desde o início do governo Macri, resgatando velhos discursos nacionalistas na evidente necessidade de governos conservadores a fim de promover (ou resgatar), em programas e políticas, a figura de um inimigo interno, os famosos *malones*, como os “*índios salvajes*”, por exemplo, e os externos, como os imigrantes espanhóis e italianos de outrora etc. Ao final do século XIX, por exemplo, a Argentina já designava este grupo de sujeitos como *outros dissociáveis* àqueles provenientes dos países vizinhos (sobretudo Bolívia e Paraguai) a partir do século XX:

Ao final do séc. XX, a Argentina começou a olhar para os "novos" como uma desgraça não merecida... a ponto que alguns políticos, em busca do voto do ressentimento, alguma organização sindical e funcionários ligados à questão da imigração se ocuparam, durante os últimos anos, por gerar uma visão negativa da imigração, fato que, se houvesse uma Nação que muito lhe devesse, essa era precisamente a Argentina. Segundo essa perspectiva, os migrantes seriam os responsáveis pelo desemprego, pela carência de serviços de saúde ou ainda de segurança pública, o que não é certo [...] É então falsa a afirmação de que o crime estrangeirizou-se, pois estudos sérios demonstram que sua presença é semelhante à da população condenada em representação similar na sociedade. E há casos como, entre os imigrantes, os bolivianos e coreanos, sobre os quais praticamente não existem indivíduos condenados por delitos comuns. Por sorte ainda hoje, há quem aponte para este país, aportando um bem cada vez mais escasso no mundo: população jovem e economicamente ativa (SAENZ CAPEL, 2001, s.p; *tradução nossa*).

As visões que põem negatividade no deslocamento de pessoas de um país para outro estão sustentadas em discursos que historicamente foram construídos para manter o “inimigo” de fato intacto: a pobreza, a marginalização social e a estigmatização. Em 10 de dezembro de 2015, foram eleitos para os cargos de presidente e vice-presidente da Argentina Mauricio Macri e Gabriela Michetti, representando a aliança “*Cambiamos*” (Cf. DAGATTI, 2017b). A partir de vários decretos - lembrando que, no *Congreso de la Nación*, a maioria está composta pela *Frente*

para la Victoria – o governo do ex-presidente de *Boca Juniors*, Mauricio Macri, tomou medidas polêmicas que se contrapunham às políticas governamentais do período *kirchnerista* (nos termos de Nestor e Cristina Kirchner, nos anos de 2003 a 2015), como, por exemplo, a retirada de retenções no setor empresarial, agroexportador e mineiro. Atualmente, “*Cambiamos*” lançou duas propostas polêmicas: a redução de culpabilidade e a expulsão e/ou proibição da entrada na Argentina por pessoas que possuem antecedentes criminais em seus países de origem. Enquanto isso, o recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de tradição republicana, vem estabelecendo, mediante decretos, políticas migratórias que restringem o acesso de pessoas procedentes de alguns países latino-americanos e muçulmanos, defendendo, inclusive, o funcionamento de seu *programa de refugiados*¹⁴.

A nova ordem dos acontecimentos *anti-imigratórios* no mundo, caracterizada por uma crise política contemporânea que põe em riscos direitos humanos fundamentais, ao mesmo tempo em que acirra os conflitos na América Latina, na Europa do Leste, no Oriente Médio e no Norte da África, e permite que discursos de ódio, de ordens afins, emerjam com muita força. Tais discursos seguem permeados por uma desconfiança em relação ao *outro*, medo do *outro*, um estranhamento que, de modo disfórico, legitima o que definimos por *xenofobia*. Nesse sentido, desconfiar do outro, desenvolver antipatia ou preconceito pelo *outro* supostamente *desconhecido* e estranho ou estrangeiro não se dá de modo simétrico, havendo repulsa por todo aquele que não pertence ao lugar, ao território ou ao grupo sociocultural daquele que se vê pertencido e, por isso, recusa a presença do outro. Não se recusa o outro simplesmente por uma questão territorial, nacional, geográfica, ainda que tal territorialidade, tal nacionalidade e tal pertencimento a um lugar ainda que, segundo Albuquerque Jr. (2016), sejam um fator importante nesse processo.

Há de se considerar também outras diferenças determinantes na constituição do “outro” enquanto sujeito, pois sabemos que a rejeição ao outro, por tais atitudes preconceituosas, racistas e xenófobas, se dá de modo assimétrico, em que há determinações simbólicas, historicamente constituídas, por traços e aspectos que aquele que se vê pertencido se apropria para legitimar sua atitude xenófoba, de modo distinto. No caso brasileiro, tais práticas estão atravessadas por questões de ordem regional, política, racial, classe social e econômica, pertencimento a uma dada comunidade étnica, religiosa, que fala [ou não fala, se for o estrangeiro] uma língua vista como

¹⁴ MOLINA, F. R. Argentina receberá 3.000 refugiados sírios. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/05/internacional/1467741569_521070.html>. Acesso em: 06 maio 2017.

superior, pura, compreensível, gráfica, normativa etc., chegando ao que podemos identificar como discurso de ordem glotofóbica, na ordem dos discursos sobre as línguas (BLANCHETT, 2014).

Considerações finais

A proposta deste artigo foi apresentar uma prévia de estudos e resultados preliminares de pesquisas desenvolvidas entre 2016 e 2018 no interior do projeto “*Discurso, imageria e representação sobre o outro-estrangeiro: um estudo sobre linguagem e interculturalidade*”. Pensar a questão da violência como xenofobia, discurso de ódio e aversão ao estrangeiro no contexto brasileiro contemporâneo é refletir sobre as contradições dos sujeitos no discurso, em muitos sentidos, comuns entre os países vizinhos, sobretudo ao se tratar da Argentina; isso se verifica ao examinarmos, dentre outras questões relacionadas ao estrangeiro ou imigrante, indivíduos e grupos expoentes, detentores de influência significativa no escopo dessa “nova direita” brasileira, que, ainda que não seja um grupo homogêneo — ideológica ou organizacionalmente —, compartilha significativas características. Eis os exemplos de figuras como o atual presidente da república Jair Bolsonaro (e seus três filhos) e o pastor Silas Malafaia, emergentes representantes de seus apoiadores adeptos aos discursos de ódio, ao nacionalismo extremo, ao discurso racista, *anti-imigrante*, homofóbico/lgbtfóbico, misógino, islamofóbico etc. Figuras públicas como esta têm usado de ambientes e páginas virtuais para propagar mensagens de teor racista, homofóbico, autoritário, antidemocrático e induzido seguidores a posturas contrárias às liberdades individuais e coletas, à liberdade de expressão e de imprensa livre/alternativa, enfim, aos princípios fundamentais de um estado democrático e de direito.

Cabe-nos ressaltar que o sintagma em questão “nova direita” não se dá somente em função das recentes movimentações, populares, conservadoras que foram às ruas com o objetivo de pedir o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, mas que também – e mais sintomaticamente – apontam, em algum nível, para uma dissociação com uma suposta “velha direita”, desvinculada a seu passado da formação dos estados nacionais na América Latina, mas que de um modo ou de outro mantêm a memória de construção de muros ou fechamento de fronteiras.

Essa *nova direita* brasileira, em sua inerente complexidade, revela em si mesma traços de um descontentamento com o fazer político tradicional, evidenciado por seus tantos flertes com o setor privado, seu proposto combate àquilo que entende por "corrupção" e, ainda mais curioso que estes, suas constitutivas relações com ideários tipicamente militaristas, fruto talvez da relação distinta do país (Brasil) com seu passado ditatorial. Somados a estes, observa-se sua proximidade a ideários e *práxis* essencialmente fundamentalistas – quanto ao que tange a sua aceção religiosa e seus respectivos desdobramentos políticos –, nas associações, cada vez mais recorrentes, entre setores públicos e instituições (e representantes) *neopentecostais* no país.

As reflexões que tecemos até aqui, como dissemos na introdução, trata-se de um levantamento acerca dos discursos que têm ressurgido nos últimos anos, na esfera política, e materializado em inúmeros meios de interação e comunicação, circulando em notícias e redes sociais. Evidentemente, em um momento posterior, este estudo carece desenvolver-se em uma abordagem comparativa mais refinada, pois certos apontamentos do modo como determinados enunciados emergem em alguns países da América Latina, e até mesmo nos EUA e em países europeus, surgem em defesa de uma bandeira nacionalista, *anti-imigratória* e anti-integracionista.

Contudo, nossas análises vêm apontar para o fato de, embora os discursos nacionalistas e unificadores da nação estejam na base da retórica da suposta nova direita, apresentando-se com uma roupagem homogênea, tal discursividade é heterogênea no interior da própria formação discursiva, tendo em vista que outros discursos povoam essa formação como é o caso de enunciados com formulações sintagmáticas do tipo “família de bem”, “povo cristão”, “o país é um só”, “Brasil para os brasileiros”, “país acolhedor” etc. Nesse sentido, as manifestações dos discursos que incitam o ódio contra o estrangeiro, o imigrante ou os ditos “de esquerda”, “esquerdistas” ou “comunistas”, por exemplo, nos diversos contextos (manifestações de rua, redes sociais etc.) estão diretamente atreladas a uma formação discursiva em que se defenda a identidade e a ordem nacional (nacionalista) e, ao mesmo tempo, estão alimentadas por vozes daqueles que, de modo declarado ou não, levantam a bandeira da “extrema direita” (ou de uma “nova direita”), indo de encontro aos princípios da liberdade, da democracia e, sobretudo, dos direitos humanos. Esse desencontro entre a defesa de direitos humanos aos povos estrangeiros/imigrantes e o nacionalismo que os exclui materializa-se nos discursos anti-imigrantes e nas violências simbólicas e físicas provocadas pelos que os desumanizam e, conseqüentemente, se desumanizam pelo ódio ao outro.

Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da Ciência da Linguagem**. 11 ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BLANCHET, Philippe. Integração ou discriminação da pluralidade linguística na educação de línguas e pelas línguas: uma questão crucial entre ideologia, ética e didática. **Revista Moara**, n. 42, p. 9-21, jul.-dez. 2014 (Versão impressa: *Estudos Linguísticos*). Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2053/2386>>. Acesso em: 22 abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.18542/moara.v0i42.2053>
- BENOIST, Alain de; FAYE, Guillaume. **Las ideas de la "Nueva derecha"**. Barcelona: Nuevo Arte Thor, D.L., 1986.
- COTADO, Adriano. Quem é a nova direita? **Casa pública**, 2 de maio de 2016, Disponível em: <<http://apublica.org/2016/05/quem-e-a-nova-direita/>>. Acesso em: 9 de out. 2016.
- COURTINE, Jean-Jacques. El concepto de formación discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.
- DAGATTI, Mariano. Aportes para El estudio del discurso político em las sociedades contemporáneas. El caso del Kirchnerismo. **Revista Signos y Sentidos**, n. 13. Universidad Nacional del Litoral, 2012. DOI: <https://doi.org/10.14409/ss.v1i13.4090>
- DAGATTI, Mariano. **El partido de la patria: los discursos presidenciales de Néstor Kirchner**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2017a.
- DAGATTI, Mariano. “Pioneros de un nuevo mundo”. El discurso de investidura del presidente argentino Mauricio Macri. **Revista Conexão Letras**, v. 12, n. 18, p. 154-174, 2017b. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79466/46463>>. Acesso em: 06 maio 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79466>
- DROŹDŹ, Michał. Hate Speech in Media Discourse. In: **Acta universitatis lodziensis**. Folia litteraria polonica, v. 5, n. 35, 2016, p. 19-30. Disponível em: <<https://czasopisma.uni.lodz.pl/polonica/article/view/1403>>. Acesso: 06 maio 2017. DOI: <https://doi.org/10.18778/1505-9057.35.02>
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, Fraçoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Tradução Bethania Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1997.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Tradução Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n124/0101-6628-ssoc-124-0652.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>

MALDIDIER, Denise. Le discours politique de la guerre d'Algérie: approche synchronique et diachronique. **Langages**, v. 6, n. 23, p. 57-86, 1971. DOI: <https://doi.org/10.3406/lgge.1971.2050>

MALDIDIER, Denise. Michel Pêcheux: L'inquiétude du discours, textes choisis et présentés par Denise Maldidier. **Mots**, v. 29, n. 1, p. 110-113, 1991.

MALDIDIER, Denise. O discurso político e a guerra da Argélia. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. 3 ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010, p. 143-160.

MORRESI, Sergio. **La nueva derecha argentina: la democracia sin política**. Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento; Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 13-52.

PECHEUX, Michel. Analyse automatique du discours. Paris: DUNOD, 1969 [trad. parcial: Análise Automática do Discurso (AAD-69). Tradução Eni Puccinelli Orlandi]. In: GAGET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 61-151.

PECHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Orgs.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia História**, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 863-902, set.-dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752015000300863&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 20 out. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752015000300008>

SÁ, Israel de. **Memória discursiva da ditadura no século XXI: visibilidades e opacidades democráticas**. 227 f. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em

Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, Brasil, São Carlos, 2015.

TAGUIEFF, Pierre-André. Origines et métamorphoses de la nouvelle droite. **Vingtième Siècle**, revue d'histoire, n. 40, p. 3-22, out.-dez. 1993. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/AsPDF/xxs_0294-1759_1993_num_40_1_3005.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.3406/xxs.1993.3005>

TELLES, Helcimara. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político institucional. In: **GVEXECUTIVO**, v. 14, n.2, jul./dez., 2015a. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/article/view/56842/0>>. Acesso em: 22 abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/gvexec.v14n2.2015.56842>

TELLES, Helcimara. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na *Política Nacional*? **Revista Interesse Nacional**, v. 8, p. 28-46, 2015b. Disponível em: <interessenacional.uol.com.br/site/wp-content/uploads/2015/07/Interesse_nacional_ed30.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

TÉTU, Jean-François. L'analyse française de discours. **Kommunikation – Medien – Gesellschaft. Eine Bestandsaufnahme deutscher und französischer Wissenschaftler**, AVINUS, Berlin, p. 205-217, 2002. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00396398/document>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Links de notícias e artigos

1. <https://actualidad.rt.com/actualidad/231901-xenofobia-colombia-venezuela-atizan-fricciones>
2. <http://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2017/02/ha-um-aumento-sistematico-de-discurso-de-odio-na-rede-diz-diretor-do-safernet.html>
3. <http://apublica.org/2016/05/quem-e-a-nova-direita/>
4. <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017>
5. <http://www.infobae.com/america/america-latina/2016/12/04/en-uruguay-advierten-sobre-la-creciente-xenofobia-en-argentina/>
6. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/brasil-tem-hoje-52-mil-refugiados-de-79-nacionalidades-diferentes.html>
7. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/voltem-para-casa-relatos-de-xenofobia-inundam-redes-sociais-apos-votacao-da-brexit.html>
8. <http://globovision.com/articulo/maduro-exige-que-vicepresidente-colombiano-se-retracte-por-su-declaraciones-xenofobas>
9. <https://actualidad.rt.com/actualidad/231901-xenofobia-colombia-venezuela-atizan-fricciones>
10. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/05/16/dilma-se-solidariza-com-haitiano-agredido-em-foz-do-iguacu-por-questoes-politicas.htm>
11. <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/unila-se-pronuncia-sobre-agressao-contra-estudante-estrangeiro/>
12. <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-no-brasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>
13. http://www.huffpostbrasil.com/2016/06/20/chegada-de-refugiados-faz-xenofobia-crescer-mais-de-600-no-bras_a_21688171/

14. <http://imigrantes.webflow.io/>
15. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_racismo_imigrantes_jp_rm
16. <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/xenofobia-se-converte-em-agressoes-contra-imigrantes-haitianos-ef4atki1925lz2d0e34rtiudq>
17. <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/10/1819937-nao-em-plebiscito-sobre-paz-na-colombia-poe-farc-em-limbo-juridico.shtml>
18. http://internacional.elpais.com/internacional/2016/10/02/colombia/1475420001_242063.html
19. https://www.clarin.com/politica/negociar-oposicion-gobierno-lanza-medidas-control-migratorio_0_rJ-ojdFwx.html
20. https://www.clarin.com/politica/controles-migratorios-aerol-neas-deber-anticipar-datos-pasajeros-tripulantes_0_SkKNooFDx.html
21. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/09/deportes/1520631036_278219.html?rel=mas
22. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534459908_846691.html
23. <https://globoplay.globo.com/v/6558568/>

Recebido em: 4 de agosto de 2019

Aceito em: 12 de setembro de 2019